

**“Adquirir a sua alma na paciência”:
Leitura preliminar de um discurso edificante kierkegaardiano de 1843¹**

**“To gain one’s soul in patience”:
Preliminary reading of a kierkegaardian *upbuilding discourse* from 1843**

MARCOS ÉRICO DE ARAÚJO SILVA² / MARIA VITÓRIA COSTA SOARES³

Resumo: Este artigo busca realizar uma leitura preliminar do *Discurso Edificante* de 1843, *Adquirir a sua alma na paciência* de Kierkegaard. Buscamos reconstruir uma visão completa do fenômeno da paciência numa leitura fenomenológica-hermenêutica, concentrados em descrever o fenômeno tal qual Kierkegaard mostra nesta obra. A paciência é o *medium* a partir da qual o homem conquista sua autenticidade. A paciência é, então, o exercício do *pacientar-se* que perfaz tecendo a tessitura e a textura de uma alma, de uma vida.

Palavras-chave: Alma. Aquisição. Paciência.

Abstract: This article seeks to make a preliminary reading of Kierkegaard’s *Upbuilding Discourse from 1843, To Gain One’s Soul in Patience*. We seek to reconstruct a complete vision of the phenomenon of patience in a phenomenological-hermeneutical reading, focused on describing the phenomenon such as Kierkegaard shows it in this work. Patience is the *medium* by which man conquers his authenticity. Patience, then, is the exercise of being patient that completes itself weaving the fabric and the texture of a soul, of a life.

Keywords: Soul. Gaining. Patience.

*“Deus é paciência. O contrário, é o diabo”
(ROSA, 2006, p. 17)*

¹ Este artigo é o resultado de uma pesquisa de PIBIC concluída em 2024, com bolsa do CNPq.

² Bacharel, Licenciado, Mestre e Doutor em Filosofia. Professor do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó-RN – Brasil. Editor-chefe da revista *Trilhas Filosóficas* (A4). Líder do Grupo de Pesquisa NEFHEM - Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística (CNPq/UERN); Membro do Grupo de Pesquisa Margem Kierkegaardiana; Membro da SOBRESKI; Franciscano da Ordem Franciscana Secular (OFS). E-mail: marcoserico@uern.br

³ Estudante do Curso de Licenciatura em Filosofia do Campus Avançado de Caicó-CAC, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Membro do Grupo de Pesquisa NEFHEM: Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística (DGP/CNPq/UERN). Projeto de PIBIC intitulado *A paciência e a esperança nos “Discursos edificantes” (1843 e 1844) de Kierkegaard: o labor paciente do esperançoso na constituição do si-mesmo* sob a orientação e coordenação do Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva (UERN). Bolsista CNPq do PIBIC. Este artigo foi fruto do resultado da pesquisa de um ano deste PIBIC. E-mail: maria20230019566@alu.uern.br

Introdução

O texto *Adquirir a sua alma na paciência*, localizado como último discurso dos *Quatro Discursos Edificantes de 1843* de Kierkegaard (2007) nos convida a pensar sobre o que é a alma humana e como é difícil adquiri-la. O autor nos desafia a pensar o que é importante para nós em uma época que é marcada pela busca incansável por resultados externos e pela acumulação de bens. O filósofo demonstra como a obsessão por ter controle sobre o mundo exterior pode nos distrair da tarefa mais importante, que é encontrar e compreender nossa essência mais profunda. Ele nos propõe explorar a complexidade do espírito humano e compreender a necessidade imperiosa de obtê-lo. Ao estudar essas ideias, não apenas nos tornamos mais conscientes de nós mesmos, mas também nos motiva a buscar um sentido de vida mais profundo e verdadeiro. Kierkegaard (2007) nos guia com sensibilidade e profundidade, convidando-nos a uma reflexão profunda sobre a *essencialização* da alma humana, isto é, da aquisição do si-mesmo.

Neste artigo trataremos de reconstruir a compreensão acerca da aquisição da alma na paciência, desenvolvida nas três seções do discurso. A primeira coisa que veremos é a essência da alma, quer dizer, do homem, que é mostrada como uma síntese entre o temporal e o eterno⁴. É algo que pertence a Deus, mas o indivíduo pode legitimamente obter. Vamos discutir como a única maneira de obter essa conquista é na paciência, em vez de pressão ou força. Em seguida,

102

⁴ No *corpus kierkegaardiano*, sua estratégia de escritor configura-se na dialética do método da comunicação indireta, ou maiêutica kierkegaardiana. Isso significa que para retirar o homem da natural ilusão, na que sempre já se encontra, é preciso comunicar-se indiretamente com este homem. Diretamente a comunicação não produz o efeito esperado. A ilusão que consiste em pensar e acreditar que já está de posse da autenticidade, da verdade, só pode ser experimentada, como e enquanto ilusão, se isto for insinuada na comunicação *indireta*. Nos Evangelhos, Jesus opera esta comunicação indireta com as parábolas. Kierkegaard, então, produz suas obras escritas por pseudônimos e obras nas quais ele assina seu nome. Isso não é um apetrecho, ou algo apenas da época porque, em Kierkegaard, esta dialética torna-se essencial para sua filosofia. A pseudonímia opera uma desconstrução fenomenológica de como tradicionalmente se entende o homem possibilitando uma abertura, enquanto horizonte existencial, para que ele possa se edificar na meditação dos *Discursos Edificantes* ou *Discursos Cristãos*, nas quais ele assina. O que nas obras pseudônimas designa de “homem”, aqui, num *Discurso Edificante*, é tematizado como “alma”. O homem como síntese de temporalidade e eternidade instaurada pelo instante será desenvolvido, seis meses depois, na obra *O conceito de angústia*.

examinaremos os conflitos internos que o homem enfrenta durante sua jornada de autodescoberta. Veremos como a questão do tempo e do mundo tentam seduzir um indivíduo, dando-lhe a impressão de possuir o exterior; mas, essa é apenas uma ilusão. Com o tempo, entenderemos que adquirir a alma de verdade requer uma conexão profunda com Deus e uma luta contra o mundo.

Por fim, falaremos sobre a importância da paciência como um componente essencial para a realização dessa tarefa individual da aquisição da alma. Veremos que a paciência não é apenas uma exigência, mas o próprio objetivo da aquisição e como o ser humano precisa ter paciência para começar e continuar a caminhada, resistindo às tentativas do desespero e da impaciência. Ao estudar essas noções, seremos convidados a realizar uma reflexão transformadora sobre o nosso si-mesmo (Selv). Ao mesmo tempo, encontraremos inspiração para uma busca mais genuína e significativa pelo que realmente nos é essencial. Por isso, devemos lembrar que a paciência é uma tonalidade afetiva (Stemning) que precisa ser cultivada todos os dias, não apenas uma virtude a ser exercitada ocasionalmente. Neste sentido, a paciência não é como as coisas exteriores, que depois de atingirmos o objetivo, deixamos essa coisa de lado; ela é, na verdade, o *medium*, o elemento sem o qual a aquisição do si-mesmo não se sustenta.

A alma e sua aquisição

Quando falamos de aquisição imaginamos imediatamente algo material, palpável, mas, quando se trata da aquisição da alma é diferente, pois não se refere a algo exterior (como as coisas que naturalmente a maioria deseja possuir), mas, sim, de algo interior. Esta aquisição não se conquista de maneira instantânea. Ela é, pois, um tanto demorada, e, para isso, precisamos da paciência como *medium*⁵ para essa aquisição. Então poderíamos nos perguntar: “Como eu faço isso?”. Ou

⁵ Importante compreender que “*medium*”, não quer dizer simplesmente “meio” em vista de algum resultado. *Medium* significa “elemento” como atmosfera que permeia e pervade a existência de um ser vivo. Quando dizemos que o elemento do peixe é a água isto significa justamente que a água é o *medium* sem o qual o peixe não vive. No exemplo percebemos que *medium* é muito mais do que simplesmente meio para alguma coisa. Da mesma forma, na aquisição de bens interiores, da interioridade, o *medium*, enquanto elemento próprio deste tipo de aquisição é a paciência, não como fruto ou resultado de um processo, mas como sendo a tessitura e a textura mesma do devir da vida.

ainda: “Eu já não possuo uma alma? E, então, se possuo — interpelamos atônitos — como e por que adquirir o já possuído?”.

Em conformidade com Kierkegaard a expressão “adquirir a sua alma na paciência” é complexa, pois é uma frase que quando pronunciada nos assusta, nos incomoda, num primeiro momento. Isto porque nos faz refletir sobre nós mesmos, e, assim, nos faz perguntar se realmente possuímos nossa alma, quer dizer, se temos consciência do que ela realmente é. Destarte, faz-nos despertar, assim como uma criança desperta quando ouve a voz do pai que a chama, fazendo-a sair da brincadeira onde ela poderia ser tudo que quisesse. Assim, neste despertar para a existência, o Indivíduo Singular (den Enkelte) ouve dentro de si uma voz doce e perturbadora: “Eu me dou conta do meu si mesmo (ego) e do si-mesmo (eu = Selv, den Enkelte) que deveria me tornar”.

Mas por que esta aquisição é tão complexa? Porque, na realidade, a nossa alma é possuída pelo mundo e tudo que há nele, a saber: as falsas ilusões de nossos desejos, a riqueza, o luxo etc. Tudo isso nos afasta dessa aquisição interior. Quando o homem não adquire sua própria alma, mas sim o mundo, na verdade, ele perde sua alma; se o homem não tem a si mesmo, ele é apenas submisso ao mundo. Infelizmente o mundo nos ilude, nos permite pensar que o possuímos de alguma maneira quando na verdade é ele que nos possui. Damos a nós mesmos e às outras pessoas a importância que muitas vezes não se deveria ter. Em um primeiro momento, o homem está perdido nessa vida do mundo e depois anseia a ser como algo que tem motivo de glória. Mas, simultaneamente, o homem que percebe que nunca adquiriu sua alma é, qualitativamente, diferente de todos. Algo o perturba e ele sente que não acompanha a movimentação da vida mundana. O que Kierkegaard de certa forma quer dizer é que o homem já nasce com uma alma, mas por motivos de o homem estar inserido e ter em si os desejos do mundo, ele “esquece” da sua alma e não percebe que ela é mais importante que o mundo. Estando envolvido com o mundo, o homem não se dá conta que é tarefa dele a aquisição da alma e que esta só é possível através da paciência.

Se o homem quiser mesmo assim possuir o mundo, ele deverá cessar essa inquietação, até que novamente o mundo o possua, então só assim o terá “conquistado”. Porém se quiser adquirir a sua alma, deverá deixar cada vez mais

essa perturbação, esse desassossego ganhar cada vez mais clareza tornando-o mais audível em sua vida. Isso revela uma nova sensibilidade de perceber a diferença entre o mundo e a alma. Nesse sentido explica Kierkegaard que “[...] a sua alma era precisamente esta diferença: era a infinitude da vida do mundo na sua diferença de si mesma” (KIERKEGAARD, 2007, p. 19)⁶. Na medida em que tentamos adquirir a nossa alma, precisamos nos desprender dos vícios do mundo, pois ele já possui nossa alma. Mas o mundo não a tem com justiça, pois que a alma é propriedade do homem ainda a ser adquirida. O mundo, na sua dissimulação, expressa esta autocontradição fazendo com que o homem acredite que o possui.

Para que possamos entender melhor o sentido da distinção entre possuir e adquirir a alma, pensemos em um terreno rural e em área urbana. Imaginemos que José pretende adquirir um terreno para a construção de sua casa. Em um determinado dia, José encontra um terreno que aparentemente está abandonado. José decide que irá cuidar desse terreno e começa a retirar as ervas daninhas que ali estavam, constrói o muro do terreno e planta algumas árvores frutíferas. Apesar de não ser o proprietário legal desse terreno, José está assumindo a posse do terreno, pois ele está se comportando como se ele fosse o proprietário.

Agora, digamos que José deseja se tornar legalmente o proprietário deste terreno, mas, para que isso aconteça, José precisa primeiro contactar o atual dono do terreno e negociar um preço. Eles entram em acordo acerca do valor do terreno e assinam um contrato de compra e venda. Depois da compra realizada José formaliza a posse do terreno, mas ainda não é proprietário. Para isso, José ainda teria que ir a um tabelionato de notas para lavrar uma escritura pública de compra e venda. Posteriormente, deverá levar a escritura ao cartório e registrar o

⁶ Essa experiência de se perceber na diferença, na distinção de si mesma e do mundo mostra, por um lado, que o homem não está originariamente pronto e acabado e, então, ele repousa numa ilusão, e, por outro lado, ele precisa se autodeterminar tornando-se o que ainda não é, mas precisa vir-a-ser. Nesse contexto vital-existencial surge o *desassossego*, essa profunda inquietação, ou mesmo melancolia como, por assim dizer, sintomas de que o espírito não está no seu elemento próprio. Mais tarde, em *O conceito de angústia*, esse sentimento que não é causado por um “algo”, mas que sobrevém sobre o homem de forma aguda e cortante, como um “nada”, é a angústia.

terreno em seu nome. Só após esses procedimentos é que José torna-se não só possessor, mas proprietário.

A posse e aquisição da alma funcionam mais ou menos assim, como na analogia descrita da aquisição do terreno. “Posse” não significa a aquisição como legítimo proprietário. Nós já nascemos com uma alma, sendo assim, temos a posse dela. Mas, para que posamos adquiri-la, tornar-se de fato proprietário, leva-se muito mais tempo, precisa-se de um modo de existir todo próprio, e, então, por estarmos envolvidos no mundo, essa aquisição pode durar uma vida inteira. E, além disso, ou por causa disso, muitos homens passam pela vida e são colhidos pela morte sem terem sido proprietários de sua alma, sem terem adquirido a si mesmo. Não é algo, pois, que se adquire de qualquer maneira. Ela só pode ser adquirida na paciência e quando isso acontece esta aquisição se torna legítima, como atesta o filósofo da existência: “A sua aquisição é, assim, uma aquisição legítima, na medida em que adquire aquilo que é propriedade sua” (KIERKEGAARD, 2007, p. 21). Nossa alma não é propriedade do mundo, já que o mundo não pode adquirir nossa alma, pois uma propriedade ilegítima não é nenhuma propriedade. Também não é propriedade do homem, pois o homem ainda não a adquiriu. Então quem é o proprietário de nossa alma? De acordo com o filósofo, o proprietário tem que possuir a alma do homem como um bem legítimo, porém não pode possuí-la de maneira que o próprio homem não possa adquiri-la como sua legítima propriedade. Sendo assim, este proprietário não pode ser ninguém além do Ser eterno, o próprio Deus.

Mas se o homem já possui sua alma, não precisaria adquiri-la, e, mesmo que não a possuísse, esta aquisição não seria a última condição prevista em qualquer aquisição? Sim, por este motivo é que no exterior não se pode haver tal posse. Ora, o homem possui sua alma, pois recebeu a vida através da qual pode chegar a uma clarividência acerca de sua vida e dar-se conta que precisa de fato adquirir, tornar-se proprietário de sua alma. Ele toma consciência que é possessor, mas não proprietário de sua alma. Isso choca-se com o princípio de não-contradição da lógica. Não se pode possuir e adquirir algo, ao mesmo tempo e sob as mesmas condições. Para que isto seja possível, precisaria me desfazer daquilo que possuo, e, assim, ver se consigo adquirir a mesma coisa outra vez. Ou, ainda, poderia usar

o que possuo para, num escambo, adquirir uma nova coisa. Não podemos, ao mesmo tempo, segurar uma garrafa e um copo com a mesma mão, pois para pegar um, eu preciso soltar o outro. Para que possamos falar, então, da aquisição da alma, ela precisa se encontrar no interior. Aqui nos situamos existencialmente sob o domínio dos princípios não da lógica, mas da existência, da vida interior ou da subjetividade como apropriação existencial.

O homem por ser síntese de corpo e alma é também síntese do temporal e do eterno. O temporal faz referência ao mundo material, as preocupações e desejos mundanos, a passagem do próprio tempo conforme experimentado no mundo físico. Por outro lado, o eterno transcende este mundo material e se relaciona com o aspecto espiritual da existência; é atemporal, está além dos limites do tempo e espaço. Isso significa que o homem é uma síntese e essa síntese acontece quando há uma harmonização entre o temporal e o eterno, entre as preocupações mundanas e as aspirações espirituais. Isso não significa renunciar a temporalidade, mas experienciar a temporalidade transpassada pela eternidade. Isso acontece no instante, na decisão existencial na qual o homem capta, a partir da vida e do mundo, um modo de ser e existir no qual a temporalidade é banhada pela eternidade. Destarte, as experiências mundanas podem ser usadas como ferramentas para o desenvolvimento espiritual e a aquisição da alma. Portanto, a síntese significa viver no mundo, mas não ficar preso a ele, isto é, aos desejos desordenados. É preciso, antes, manter uma consciência elevada e uma conexão com o divino em todas as coisas e situações. Esta aquisição é uma tarefa árdua, pois ela envolve conflitos internos e externos. É uma busca pela verdadeira propriedade da alma, de nosso si-mesmo mais profundo. Daí que, no processo do tornar-se si-mesmo, quer dizer, na aquisição da própria alma, é preciso a tonalidade afetiva da paciência para que o homem se mantenha perseverante na configuração de seu devir espiritual no mundo.

Entre o temporal e o eterno existe um “ponto de transição” que é o instante. Esse instante é como um momento de transcendência, onde a verdadeira aquisição da alma pode ocorrer. O instante pode ser uma experiência de iluminação espiritual repentina, ou um estado de consciência elevado persistente, onde cada momento é vivido com plenitude e significado. O instante é o ponto

focal dessa síntese, onde a alma pode ser realmente adquirida a partir da consciência do eterno enquanto vive no mundo temporal. Nesse sentido, para que esse “equilíbrio” aconteça, sempre numa tensão existencial, é preciso da ajuda da paciência, pois a única maneira de adquirir a alma é na paciência, não pela força ou pressão. A paciência é a chave para a aquisição da alma. A paciência é um processo gradual, um exercício de um patientar-se na paciência.

O patientar é o verbo que modula esse “devagar e manso”, preparando o corpo para uma espera sem sofreguidão, posto que jamais aguarda sob o pressuposto de um entendimento final. “Esperar”, diz Rosa, “vale mais que entender”, porque quem assim espera não sente esperar uma eternidade, mas espera no sentido da *eternidade*. Esperar no sentido da eternidade é já estar *na* eternidade, patientando-se sob o sentido de um outro tempo (CAMPOS, 2022, p. 117, grifos do autor).

Paciência como verbo, como patientar-se, descreve o modo de ser da paciência pensada por Kierkegaard. Viver a vida na paciência solicita, a todo tempo e a cada vez, estar continuamente no encalço de adquirir a própria alma. Isso implica numa temporalização ou essencialização por meio da qual o patientar-se da paciência vai per-fazendo, tecendo a tessitura e textura de uma vida, de uma alma. A vida, a aquisição da alma, não se dá em abstrato, no pensamento, mas segue a lei da encarnação doando-se numa concreção histórica no tempo. Esse movimento de fazer-se carne, ganhando corpo e, assim, mostrando-se, aparecendo, fala da instauração ou experiência do instante que recolhe temporalidade e eternidade. Nesse instante, ocorre o acontecimento miraculoso do extraordinário no ordinário mais cotidiano em virtude da natalidade da aquisição da alma.

O patientar-se da paciência é como uma parteira espiritual que traz à luz, à superfície o espírito, concretizando a aquisição da alma, a singularização ou essencialização do si-mesmo. O patientar-se da paciência é como uma parteira experiente que reconhece ao longe os sinais da gestação, as dores das contrações colocando-se à serviço como auxiliadora do partejamento espiritual. A nascividade da aquisição da alma gera maturidade espiritual e autenticidade existencial. Então... é Natal! A festa da jovialidade da existência!

O pacientar-se da paciência não só engendra a aquisição da alma, mas também modula sua conservação. O homem, agora, não só como posseiro, mas também como proprietário da alma, modifica seu modo de se relacionar com o mundo e com os entes intramundanos. O caminho de sua existência abre-se, agora, como uma via sacra existencial-espiritual. Segue adiante, por este caminho da vida, com passos seguros e firmes. Como nos comunicou Campos, citando o grande Rosa: “devagar e manso”. Sim! Devagar, sem pressa. O tempo, Cronos, não nos devorará. Basta de agonia, de medo, de descontrole. Vivemos outra experiência do tempo, do Kairós, batizado pelo Eterno. O tempo e o eterno deram o ósculo santo no amplexo caloroso de nossa singularidade. Fomos redimidos e, então, vivemos a vida desde a força da mansidão. O pacientar-se da paciência adquiriu minha alma e, então, meu modo de ser tornou-se de um esperançoso, na abertura para vir-a-ser um amoroso⁷.

O paradoxo da aquisição da alma

Como já vimos anteriormente, a autocontradição da alma é um tema profundo e complexo que reflete as dificuldades existenciais e espirituais que todos enfrentam. Todo homem e mulher, experimentam em sua vida uma dificuldade de compreender sua própria existência. Em diversas etapas ou fases da vida, ou por situações limites nas quais a existência lança o indivíduo em situações trágicas a consciência da necessidade de conquistar uma clareza mais nítida da própria vida é sentida com toda a sensibilidade dolorosa. O filósofo, o poeta, o artista têm aguçado essa sensibilidade e passam a vida a tematizar em suas obras trazendo à tona, à superfície essa dificuldade e, ao mesmo tempo, permitem a visibilidade de possibilitar caminhos de clarificação da vida. É precisamente isso que o filósofo dinamarquês, esse Sócrates de Copenhague, insiste e persiste em evidenciar para o leitor (a).

109

⁷ Aqui podemos ver/compreender uma gradação dos conceitos e de tonalidades afetivas correspondentes. Na obra pseudônima o conceito de “possibilidade”, nos *Discursos Edificantes* (religiosidade A, filosófica) o conceito de “paciência” e de “expectativa” e, por fim, nos *Discursos Cristãos* (religiosidade B, crística ou paradoxal) o conceito de “esperança” como virtude teológica. Sobre “o amoroso”, que se move na religiosidade crística, remetemos o leitor a obra: *As obras do amor* de 1847 (KIERKEGAARD, 2005).

A alma está sempre dividida entre duas realidades - temporal e eterna, mundana e espiritual, forte e fraca. Entretanto, o mundo em que vivemos valoriza a força, o poder e o sucesso rápido. Somos impulsionados a agir rapidamente, acumular dinheiro e buscar resultados externos. Mas a essência da alma vai além dessas necessidades imediatas. Ela pertence a uma dimensão eterna, onde princípios como interioridade, paciência e humildade são essenciais. Essa dualidade gera uma autocontradição: precisamos considerar que o poder, a riqueza e o status do mundo exterior não é o caminho para realmente adquirirmos nossa alma. Em vez disso, as fraquezas aparentes, como a paciência e a humildade, fortalecem a alma. A verdadeira força da alma reside paradoxalmente em aceitar nossa fraqueza perante o critério do mundo e ter paciência para buscar a verdade interior.

Este paradoxo contesta a ideia de que a força bruta e os esforços externos podem levar à verdade e à realização. A aquisição da alma, por outro lado, requer uma espécie de renúncia, consistindo em abandonar as ilusões do mundo temporal e se dedicar à exigência do eterno no instante da temporalidade. Isso não é um processo de adição, mas de subtração. Não é um processo de acúmulo, de riqueza, mas de desprendimento, de pobreza. Um processo, pois, de paciência, humildade e simplicidade, e, por isso mesmo, paradoxalmente, através da fraqueza, a alma revela-se forte! Essa perspectiva é corroborada por Kierkegaard, quando afirma:

Na paciência a alma chega a um acordo com todos os seus possuidores: com a vida do mundo, na medida em que, sofrendo, se adquire a si mesma em subtração a ele; com Deus, na medida em que, sofrendo, se recebe a si mesma d'Ele; consigo mesma, na medida em que ela mesma conserva aquilo que, ao mesmo tempo, dá aos dois, sem que ninguém lhe possa arrancar: a paciência. À força não pode a alma obter coisa alguma, pois está precisamente sob um poder alheio. Se a alma fosse livre de algum outro modo, não haveria auto-contradição nem contradição entre o exterior e o interior, o temporal e o eterno. Esta auto-contradição exprime-se aqui, de novo, no facto de a alma ser, pela sua fraqueza, mais forte que o mundo, no facto de, pela sua força, ser mais fraca do que Deus, no facto de nada poder adquirir - a menos que queira ser enganada - senão a si mesma e

de só poder adquirir-se a si mesma por meio do perder (KIERKEGAARD, 2007, p. 30, grifo nosso).

É nítido que o filósofo trata da complexidade da alma, quer dizer, a necessidade de adquirir a alma que, de algum modo possui, sem, porém, de todo possuir-se. A todo o momento, no Discurso Edificante, o filósofo faz sempre retomadas sobre o mesmo assunto de formas diferentes. O próprio filósofo quando, na citação acima, escreve “de novo” está querendo, nessa repetição proposital e consciente, nos mostrar com muita ênfase essa autocontradição.

A paciência é a chave desse processo de aquisição da alma, do tornar-se si-mesmo. O filósofo inicia falando que, por meio da paciência, a alma chega a uma concessão com todos que a possui: com o mundo, com Deus e consigo mesma. Ao passar por dificuldades e se desapegar de desejos relacionados ao mundo material, a alma é adquirida. Com a presença de Deus, a alma se encontra ao decidir aceitar o sofrimento e compreender que ela provém Dele. Em relação a si mesma, a alma conserva a paciência como uma virtude interior inabalável. A alma se contradiz por ser mais resistente que o mundo devido a sua fragilidade em aceitar o sofrimento, porém é mais fraca que Deus, já que sua força revela limitações diante do divino. Kierkegaard chega à conclusão de que a única maneira real de adquirir a alma, o seu si-mesmo, é perdendo-a, isto é, renunciando ao ego (ao seu si mesmo imediato, egocêntrico) e aos apegos terrenos, para adquirir seu si-mesmo mais profundo.

É na resistência que a autocontradição da alma se mostra. De um lado, a alma é vulnerável em relação ao mundo, já que está exposta às suas provocações e seduções. No entanto, essa vulnerabilidade é, paradoxalmente, exatamente onde está sua potência, já que ao resistir as persuasões e dores, a alma e-videncia uma força interior intensa. A força da alma não é agressiva nem violenta. Ao invés disso, ela representa uma força passiva, uma habilidade de resistir e persistir com paciência. É essa persistência tranquila que possibilita à alma ir além do mundo e se conectar com o divino. Essa força da alma, ora ativa, ora passiva, quer seja realizando uma ação, quer seja sofrendo um pathos, ou sobretudo sendo transformada por tudo isso, é a tonalidade afetiva da paciência.

Kierkegaard tenta nos mostrar que o mundo engana quando ele nos faz pensar que o possuímos quando na verdade é ele que nos possui. Para o pensador, isso é uma aquisição ilegítima. Isso quer dizer que a alma, em sua essência, pertence a algo superior e mais profundo do que o mundo material. Entretanto, ele atua como se possuísse controle sobre o espírito, dando forma e exercendo influência através de seus princípios e necessidades. Quando tudo na vida do homem parece estar “fluindo bem”; quando ele tem tudo que poderia querer, como, por exemplo, dinheiro, sucesso, fama, bens materiais etc., surge a expressão da autocontradição da alma, surge a resistência interior. Esta resistência não se satisfaz com conquistas superficiais e mundanas revelando, mesmo a contragosto, que a vida, apesar de todo glamour, pode esconder um fracasso ontológico-existencial.

Imaginemos alguém que atingiu um grande sucesso financeiro. Ela possui riqueza, notoriedade e prestígio. Todos os prêmios que são valorizados pela sociedade, ela acumulou possuindo-os com abundância. Contudo, à medida que esses bens se acumulam, a pessoa sente menos alegria ou satisfação genuína. Este paradoxo surge porque a alma não se contenta com essas conquistas externas. A verdadeira essência da alma procura por algo além dos bens visíveis, exteriores e temporais, algo que não pode ser adquirido com dinheiro ou fama e essa autocontradição decorre da própria constituição da alma. A resistência interna, o sentimento de insatisfação é a alma lutando para não ser escrava das coisas materiais do mundo. É o espírito buscando registrar sua real natureza e real objetivo, que vai além do mundo físico, transcendendo a mera temporalidade esquecida da eternidade. É como se a alma regulamentasse que tais bens são meras distrações ou ilusões, impedindo-a de realizar sua real essência e objetivo.

A resistência também surge ao tentarmos acompanhar o ritmo acelerado do mundo. A vida é repleta de pressões e de expectativas. Buscar se manter atualizado na correspondência disto é cansativo e mesmo exaustivo. Quando não conseguimos acompanhar a cadência dessa decadência, percebemos que algo não está certo. No entanto, essa persistência da alma é, de fato, o nosso interior nos alertando de que possivelmente estamos buscando a felicidade num modo de ser inapropriado. Estamos buscando felicidade em coisas fora de nós, mas a

verdadeira serenidade e contentamento vêm internamente, do espírito, quando está em harmonia com o eterno. A autocontradição é inevitável porque a constituição da alma é eterna e imutável, enquanto o mundo é temporário e em constante mudança. A alma anseia por estabilidade e profundidade, mas o mundo proporciona superficialidade e instabilidade. Este conflito entre o eterno e o temporal gera uma tensão constante do interior e o exterior.

O filósofo de Copenhague ao desenvolver a questão apresenta uma imagem para facilitar a descrição do fenômeno. Então, de novo vai mostrar ao leitor (a) o que está em causa apresentando outros elementos elucidativos. Traz, pois, a imagem da nudez da alma: “quem vem nu ao mundo não possui nada, mas quem vem ao mundo na nudez da sua alma possui, no entanto, a sua alma, a saber, como aquilo que deve ser adquirido, e não a tem fora de si como algo de novo que haja de ser possuído” (KIERKEGAARD, 2007, p. 16, grifo nosso) A nudez da alma representa a sua essência mais pura e sincera, sem ser afetada por influências externas. É a alma em seu estado mais genuíno, sem as máscaras e capas impostas pelo mundo. Pense em como constantemente colocamos a alma em roupas fornecidas pelo mundo: a roupa do sucesso, a roupa da popularidade, a roupa das posses materiais. No entanto, essas vestimentas são, de fato, apenas ameaças que ocultam nossa verdadeira identidade, nosso verdadeiro e autêntico si-mesmo. Quando tudo está aparentemente bem em nossa vida e, mesmo assim, experimentamos uma sensação de insatisfação ou desconforto, é a alma nos indicando uma possível perda do si-mesmo. É como se a alma olhasse no fundo dos nossos olhos e nos dissesse que essas roupas não nos cabem, que somos mais do que isso e que disso não precisamos.

A alma vem ao mundo nua, assim como um recém-nascido. Ao longo do tempo vamos acumulando em nós o que não é verdadeiramente nosso, deixando de lado algo muito maior. O problema não consiste tanto pelo fato de ter, de possuir as coisas, mas o equívoco perigoso está no esquecer de nossa identidade ao se ocupar em buscar e conservar os bens exteriores. Em meio a tantas vozes do mundo, não conseguimos ouvir a voz de nossa alma nos pedindo para darmos atenção ao que é eterno. No afã desenfreado por buscar possuir e na obsessão e medo de perder os bens exteriores adquiridos, promovemos uma insensibilização

espiritual. Nosso coração petrifica-se numa camada grossa e dura impedindo a comunicação sensível com nossa alma. Mas, quando finalmente escutamos eloquentemente esta voz, após uma profunda comoção que nos doa um coração de carne, sentimos o toque do espírito em nosso interior tendo a certeza de que jamais seremos como antes. Mesmo que, em alguma situação existencial da vida, nos distanciemos do verdadeiro e voltemos ao ilusório, nunca, jamais nos esqueceremos de como é ter nossa alma adquirida. Esta lembrança, como saudade da alma, intensificará a necessidade de repetição, de retomada da aquisição. Diante do que se está vivendo, na cadência de uma decadência e na nostalgia de como existencialmente estávamos, então é imperioso esforçar-se por voltar a ter a sensibilidade de escutar novamente a voz de sua alma. Esse desassossego, sossega. Essa resistência, nos detém. Essa força, revitaliza nossa fraqueza. Nisto tudo se encontra o exercício do pacientar-se da paciência.

Adquirir a sua alma, neste caso, é ser capaz de subtraí-la do mundo para trazê-la de volta para a sua justa medida. A dificuldade, contudo, está justamente no cerne “vazio” dessa medida. Quer dizer que quando abre mão da posse do mundo, o si-mesmo não encontra consolo em outro mundo, isto é, em outro sistema fixo de sentido que lhe imponha sua medida. Ao desvencilhar-se do mundo o si-mesmo não se encontra com “algo” posto à sua disposição e para o qual ele mesmo está à disposição, antes se encontra consigo mesmo na forma originária da indignância. Não há aí um “algo” a que se apegar, uma coisa, um mundo, mas um estado de aberto, uma possibilidade. E é aqui – quando descobre que o mundo não lhe basta e que no âmago subjaz uma profunda indignância – é aqui que o sujeito adquire a sua alma na paciência (GERMANO, 2020, p. 57, grifos do autor).

114

Quando a alma se posta na disposição da aquisição de sua própria alma, então ela experimenta uma indignância, uma pobreza constitutiva de seu ter de tornar-se si-mesmo. O homem se “separa” do mundo para depois retomá-lo desde uma nova forma de se relacionar com o mundo. Essa “separação” se dá não por causa de um “algo”, de uma “coisa” que, uma vez encontrada, daria à alma sua justa medida a ponto de sentir a necessidade de se desembaraçar-se do mundo. Essa pobreza originária, essa indignância ontológica promove uma sensação de

estranheiridade, de um não estar em casa. Esse oco, essa falta, esse vazio ou incompletude impossibilita ou dificulta de o homem se instalar no mundo com o modo de ser mundano. O homem, tomado por essas tonalidades afetivas, não consegue se integrar muito bem ao mundo. Isso leva a deparar-se consigo mesmo, com a necessidade de conquistar a sua identidade, o seu próprio, tornando-se si-mesmo. Renunciando ao mundo como coisa, ou modo de ser mundano, abre-se para o indivíduo o mundo como abertura existencial mediante a temporalização de sua vida que se singulariza na paciência.

A nudez da alma manifesta-se, pois, na paciência: a alma deve ser adquirida e deve ser adquirida na paciência não como um “algo”, uma coisa fora de si mesma. É na paciência que o caminho se abre até esta aquisição. Precisamos constantemente dela para atingir esse objetivo; alguns dias iremos precisar mais, outros menos, outros dias não iremos nem querer saber dela. Mas o mais importante é não a abandonar, porque sem ela não ocorre a aquisição da alma. Kierkegaard sustenta a tese de que precisamos ter “[...] “paciência para separar, a fim de voltar a unir, aquilo que está inseparavelmente unido.” (KIERKEGAARD, 2007, p. 11, grifo nosso) O “voltar a unir” é essencial neste contexto. Não se trata apenas de dividir por dividir, mas sim de separar para poder compreender melhor e, depois, unir de uma forma mais significativa que revele a essência real das coisas. Considere isso como desmontar um objeto complexo para compreender seu funcionamento e, em seguida, montá-lo novamente de maneira mais eficiente. O “voltar” não é algo novo, mas um retorno ao que é essencial. Isso revela não um desprezo para com as coisas do mundo, mas um justo relacionar-se com as coisas do mundo. É um modo de ser e de existir estando no mundo, sem ser como o mundo. É um modo de ser e de existir que possui o mundo, sem, porém, se deixar ser possuído por ele. Mas, sobretudo, a citação adverte ao leitor para o caráter essencial, filosófico do que está em causa no Discurso Edificante. Esse “separar” e “o ter de voltar a unir” exige paciência porque é preciso ver o fenômeno da aquisição da alma na totalidade de sua constituição, muito embora para penetrar em seu sentido é preciso ver por parte, em seus momentos dialéticos. É isso mesmo que faz um filósofo em suas análises marcando uma nítida diferença em relação a qualquer outro intelectual.

Pense em como a vida parece um imenso quebra-cabeça, no qual todas as peças estão conectadas de alguma maneira, mesmo que nem sempre possamos enxergar o quadro completo de imediato. Em consequência, as peças podem parecer unidas, porém sem coerência, sendo necessário ter paciência para separá-las, analisá-las positivamente e encontrar seu verdadeiro lugar. É por meio desse procedimento de separação e reflexão que podemos identificar as verdadeiras interligações entre os elementos. Com a alma é praticamente a mesma coisa, porém essa atividade é constante.

A paciência como *medium* para a aquisição da alma

O autor deixa bem claro no Discurso Edificante que a aquisição da alma não é por meio ou mediante a paciência, mas na paciência. É uma diferença quase imperceptível, mas muito significativa. Pois, quando dizemos que algo foi adquirido através de outra coisa, estamos considerando essa segunda coisa como um meio ou ferramenta da aquisição. Por exemplo, se digo que consegui um emprego por meio de uma indicação, estou dizendo que a indicação foi o caminho que me levou ao emprego. Neste caso, relacionando com o que está em causa no Discurso Edificante, a paciência seria apenas um meio para um fim, um instrumento que utilizamos para alcançar a alma; a paciência seria aqui algo instrumentalizado.

Na aquisição dos bens exteriores, quer sejam coisas para serem usadas, quer sejam reputação sobre alguém, é imprescindível entre outras habilidades, a paciência. A paciência no modo de ser mundano também se mostra como sendo essencial para aquisição de coisas. Assim para que possa ocorrer essa aquisição é preciso condições externas ao homem como bem expressa Kierkegaard: “A condição de que se fala é exterior ao homem e a condição para, por meio disso, alcançar aquilo que deseja é a paciência, de sorte que ele não conquista propriamente a paciência, mas sim o desejado” (KIERKEGAARD, 2007, p. 13). Entretanto, quando afirmamos que algo é adquirido “na” paciência, estamos nos referindo a uma tonalidade afetiva ou situação. O “na” é, então, uma inserção, uma atmosfera ou abertura que possibilita o acontecer de algo. A paciência, na aquisição da alma, não é apenas uma ferramenta, um instrumento. A paciência é muito mais do que isso: é o contexto ou a circunstância em que a aquisição

ocorre. Isso indica que a paciência é parte essencial do processo de aquisição da alma, não apenas um caminho para atingi-la. Isso sugere que “A condição [paciência] se encontra numa relação especial com o condicionado [alma]” (KIERKEGAARD, 2007, p.22).

O termo ou expressão "na paciência" significa que o ato de ser paciente, de aguentar, de su-portar⁸ e de esperar com tranquilidade, é onde a alma cresce e se revela. Não é algo que se adquira facilmente. No lugar disso, a transformação ocorre no espaço, ou melhor, na abertura existencial da paciência, quer dizer, no patientar-se da paciência. Adquirir e fortalecer a alma ocorre através da prática constante da paciência, em ato de esperar, resistir e persistir. Essa concepção nos leva a enxergar a paciência como uma abertura existencial de desenvolvimento e mudança. Quando estamos em um estado paciente, estamos em um lugar onde a alma pode ser desenvolvida e formada. A ligação entre a paciência (a condição) e a alma (o condicionado) é uma interdependência profunda. A paciência não é apenas o percurso, mas sim o medium, o ambiente existencial propício onde a alma pode se desenvolver.

A aquisição da alma na paciência não acontece de forma estática, mas sim na dinâmica toda própria expressa na voz ativa, passiva e, sobretudo, na voz

⁸ A etimologia da palavra dinamarquesa “paciência” (*Taalmodighed, taalmod*) captura a coisa mesma que está em questão no fenômeno. A paciência reveste o indivíduo da coragem, de força de ânimo (*Mod*) para ser capaz de su-portar, de carregar um *pathos*, um padecimento, ou mesmo um sofrimento (*Taal*) possibilitando uma transformação existencial e, então, promovendo a singularidade do Indivíduo. Aqui, neste trabalho, pela finalidade própria de uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC), fizemos o exercício de leitura e apropriação do pensamento do pensador nesta obra que estamos analisando. Na compreensão do fenômeno, entretanto, seguimos a intuição de que a paciência é um fenômeno que deve ser lido e interpretado com a análise do fenômeno da angústia na obra *O conceito de angústia* de 1844 (KIERKEGAARD, 2010). No sentido de que a possibilidade de ser-capaz-de, ou da possibilidade de poder-ser descoberta pela angústia só não conduzirá aos fenômenos da perda da liberdade, do demoníaco, se a tonalidade afetiva da paciência, auxiliando a angústia, operar no homem os fenômenos da *aquisição* e *conservação* de sua alma. Surpreende-nos o fato de não haver pesquisa sobre esta perspectiva. Sobre o desenvolvimento dessa intuição remetemos o leitor ao artigo do Prof. Marcos Érico (ARAÚJO SILVA, 2024), publicado na Revista Instante, intitulado de “A articulação de angústia e paciência na filosofia de Kierkegaard”. Um trabalho ainda mais recente e com mais clareza da *complementaridade originária* entre ambos os fenômenos, ainda no plero, a ser publicado em 2025, como capítulo de livro do GT de Fenomenologia, do XX Encontro da ANPOF: “A paciência como força de ânimo para padecer a angústia sem decair na não-liberdade em Kierkegaard”.

medial do verbo *pacientar*. Essa “voz ativa” deve ser compreendida não só como uma atividade frente aos obstáculos, mas também como uma atividade na passividade de ter de suportar o peso e a dificuldade da aquisição da própria alma. E, além disso, quer dizer, da ação realizada ou sofrida, importa perceber a transformação decorrente de tudo isto. É no exercício mesmo do *pacientar-se* que a paciência mesma nos transforma.

Ao discernir entre as influências externas e as pressões do mundo, a alma consegue refletir sobre o que é realmente relevante, possibilitando uma integração mais genuína e autêntica em si mesma. A paciência exige evitar a tentativa de procurar respostas rápidas ou superficiais. Pelo contrário, é necessário ter coragem para lidar com a dor e a dúvida, acreditando que a alma se tornará mais forte ao passar por isso. Nesse contexto, a paciência é vista como uma sabedoria prática, entendendo que o desenvolvimento e a conquista ocorrem gradualmente, com persistência. Isso fica claro quando o filósofo discorre sobre a expressão “adquirir a sua alma na paciência” que dá o título ao Discurso Edificante:

O enunciado inculca-o de duplo modo, por, na sua brevidade, compreender uma repetição que reduplica. Ele exorta a adquirir a sua alma ‘na paciência’ e exorta a ‘adquiri’-la. Esta última expressão compreende só por si uma exortação à paciência. Ela não diz: agarra a tua alma, como se fosse obra de um instante, como se a alma passasse à sua frente e se tratasse de agarrar o instante e a alma, mas com isso ficasse tudo ou perdido ou conquistado. Também não diz: salva a tua alma, uma expressão que a Escritura, de resto, muitas vezes utiliza com a sua santa seriedade. E é igualmente certo que aquele que adquire a sua alma também a salva. Mas a expressão «salvar a alma» não fixa assim o espírito na paciência e poderia facilmente fazer pensar numa pressa em que tudo tivesse de ser decidido. Pelo contrário, adquirir a sua alma inclina logo o espírito para a tranquila, mas incansável, acção. (KIERKEGAARD, 2007, p.26).

Isso nos faz lembrar que adquirir a alma não se trata de um único momento crucial, mas sim de um processo constante e persistente. Adquirir algo, o que quer que seja, exige sempre paciência, persistência e comprometimento constante, mantendo-se resiliente e tranquilo ao passar do tempo. É uma tarefa obstinada e sem pressa, onde cada etapa é fundamental e colabora para a efetiva

essencialização do homem. A ideia principal é que a fortiori adquirir a alma requer sensibilidade, disposição e persistente insistência ao longo da vida. Não é uma ação que aconteça de imediato, ou só numa situação emergencial que exija decisões rápidas e improvisadas. Ao invés disso, é uma caminhada paciente, mas também insistente, onde cada instante de calma ajuda na formação de um espírito completo, atento e consciente de si-mesmo.

A tonalidade afetiva da paciência demonstra uma enorme astúcia. Quanto mais o mundo tenta ludibriar e enganar, maior se torna a resistência e fortaleza da alma paciente. Isso deve ao fato de que a paciência possibilite que uma alma se enxergue além das superfícies e das promessas falsas do mundo, concentrando-se no que é eterno e genuíno. Dessa forma, a paciência se transforma em uma maneira de resistência inteligente, que não apenas suporta as dificuldades, mas também a utiliza para aprender e evoluir. A única maneira de adquirir nossa alma é através da paciência. A questão não é adquirir a alma com paciência e depois deixá-la de lado, mas viver na paciência. Assim, a paciência é um requisito essencial para o espírito, uma conexão constante e em evolução com a vida e com o divino.

O leitor (a) atento (a) pode questionar agora: “se precisamos, de fato, da paciência para adquirir a alma, e, se este processo é longo e cansativo, então, não seria melhor impacientar-me e apressar-me para que a aquisição aconteça mais rápida?”. A resposta é que a falta de paciência e a pressa são os obstáculos que impedem a aquisição da alma. A natureza da aquisição da alma é tão intensa e frágil, que ela não pode ser forçada ou apressada. Quando tentamos acelerar o processo, estamos nos afastando da meta. A falta de paciência pode nos levar a buscar caminhos mais curtos ou respostas rápidas, porém essas abordagens superficiais não levam a alcançar a profundidade e compreensão verdadeira da alma. A paciência, por sua vez, nos possibilita evoluir e amadurecer com o passar dos anos. Ela nos mostra a importância de valorizar todas as fases do processo e de extrair as lições que cada momento nos oferece. Cada vivência e cada obstáculo superado com paciência colaboram para o nosso crescimento espiritual e pessoal, possibilitando o pleno desenvolvimento da alma.

A impaciência está fortemente relacionada com a paixão desenfreada, que busca resultados instantâneos e não consegue aceitar o ritmo natural e essencial do desenvolvimento da alma. Isso leva a pessoa a buscar sempre aprovação externa e recompensas imediatas. Ela faz com que o indivíduo tome decisões rápidas e procure por caminhos mais simples que, de fato, não estão disponíveis. Na busca pela própria essência, a impaciência pode dificultar a interioridade e a serenidade essenciais para uma compreensão profunda de si-mesmo. O texto ressalta que a impaciência surge de uma perspectiva distorcida de desenvolvimento, na qual uma pessoa imagina ser capaz de atingir a maturidade espiritual ou pessoal sem vivenciar a fase gradual e intencional de aprendizado e autoconhecimento. Essa crença na velocidade e na superficialidade faz com que a pessoa fique presa em um ciclo de tentativa e erro, nunca alcançando a verdadeira profundidade ou compreensão.

Além disso, a falta de paciência torna a alma suscetível às ilusões do mundo exterior. Procurar constantemente por algo fora de si mesmo faz a alma se afastar de sua verdadeira jornada interior, a saber, do processo do tornar-se si-mesmo. Portanto, a impaciência é prejudicial, já que, apesar de prometer crescimento e realização rápidas, ela acaba atrasando a aquisição da alma. A impaciência é considerada uma força que precisa ser enfrentada e vencida. Adquirir verdadeiramente a alma necessita de paciência, uma característica que possibilite a reflexão interior, a tranquilidade e a liberdade dessa aquisição. Aprendemos com a paciência que o verdadeiro crescimento e compreensão exigem tempo e esforço, não pressa e impulsividade.

Considerações finais

A paciência é uma tonalidade afetiva fundamental da existência humana. Não é uma tonalidade afetiva entre outras. Não é uma tonalidade afetiva que este indivíduo pode ter mais que aquele outro, ou ainda que fulano pode ter e beltrano sequer sabe do que se trata. A paciência é uma tonalidade afetiva fundamental porque ela é constitutiva da existência humana, assim como a tonalidade afetiva da angústia. O ser humano para autorrealizar-se, para ser feliz tornando-se um si-mesmo, não conseguirá alcançar esta autenticidade se não for

tomado e afetado profundamente pelo modo de ser da paciência. A paciência é o medium, o elemento próprio a partir do qual é possível buscar a aquisição da alma e efetivamente adquiri-la, singularizando-se. Sem a paciência não se adquire a alma e sem adquiri-la, não é possível conservá-la. Assim, sem a paciência, e, portanto, sem a aquisição da alma, o ser humano possibilita que a tonalidade afetiva do desespero, em uma de suas formas, aninhe-se em sua existência impossibilitando sua singularização, impedindo-o de tornar-se um si-mesmo.

É fundamental cultivarmos a paciência para lidar com os desafios e imprevistos que surgem em nosso caminho. É, pois, essencial manter a tranquilidade e a serenidade diante das dificuldades internas e externas. Ter paciência nos possibilita tomar decisões mais prudentes e pensadas, evitando agir impulsivamente. Ao exercitarmos a paciência, no exercício do pacientar-se, aprimoramos nossa habilidade de aguardar nossos objetivos no seu devido tempo, auxiliando-nos a atingir nossas metas de forma mais eficaz. A busca pelo nosso si-mesmo mais profundo, quer dizer, a aquisição da alma, pode ser muitas vezes um processo doloroso, onde muitos ficam pelo caminho sem chegar à aquisição. O importante é, então, perseverar na paciência, mesmo que o processo seja longo e cansativo. No pacientar-se da paciência o indivíduo é transformado pela paciência tornando-se um si-mesmo, adquirindo sua alma e, então, este Indivíduo Singular torna-se um esperançoso, não estando longe de tornar-se um amoroso.

Referências

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de. A articulação de angústia e paciência na filosofia de Kierkegaard. In: *Revista Instante*, Campina Grande, v. 6, n. 1, p. 57 – 74, Jan./Mar., 2024. DOI: <https://doi.org/10.29327/2194248.6.1-5>

CAMPOS, Eduardo da Silveira. A paciência como método. In: *Aoristo: International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, Toledo, v. 5, n°.2 (2022), p. 115-125. DOI: <https://doi.org/10.48075/aoristo.v5i2.29827>

GERMANO, Ramon Bolivar Cavalcanti Germano. *O conceito de paciência em Kierkegaard*. AUFKLARUNG, Joao Pessoa, v.7, n. esp., Nov., 2020, p.51-64. DOI: <https://doi.org/10.18012/arf.v7iesp.56739>

Adquirir a sua alma na paciência”: Leitura preliminar de um discurso edificante kierkegaardiano de 1843

KIERKEGAARD, Søren. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Tradutor Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

KIERKEGAARD, Søren. *Adquirir a sua alma na paciência*. (dos Quatro discursos edificantes de 1843). Tradução, notas e posfácio Nuno Ferro, e M. Jorge Carvalho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução e posfácio de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2010.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Submissão: 22. 12. 2024 / Aceite: 29. 12. 2024